

Programas de Residência Tecnológica unem academia e empresas por soluções práticas

A transformação digital tem gerado demandas cada vez mais segmentadas, complexas e urgentes em soluções. Um ritmo que requer formação qualificada, mas que nem sempre as empresas dispõem de estrutura, know-how ou até viabilidade do modelo de negócio para a preparação de profissionais com o conhecimento necessário para atuar naquele momento. Uma alternativa do mercado tem sido procurar a academia para desenvolverem juntos estratégias para solucionar os problemas.

Nesse sentido, os programas de residência tecnológica têm se mostrado uma ação prática de inovação na atualização dos colaboradores de empresas, incrementando a qualidade dos empregos. O conceito de residência que, originalmente, surgiu na área médica pode ser aplicável em qualquer setor econômico.

José Antônio Pedro dos Santos é um dos profissionais que deu um upgrade na carreira a partir da residência tecnológica. Formado em Sistemas da Informação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), campus de Serra Talhada, em 2019, ele fez parte de uma das turmas da Residência Tecnológica em Inteligência Artificial (R.T.I.A) da Universidade de Pernambuco, vinculada à Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti).

Tão logo acabou o curso, foi contratado pela Fundação para Inovações Tecnológicas (Fitec), onde passou quase dois anos. Depois, fez parte da equipe que desenvolveu um projeto junto à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFRPE no Banco Central referente a processamento de linguagem natural nos sis-



temas internos da instituição financeira. “A residência foi um grande diferencial na minha carreira. Sem esse tipo de qualificação, o número de oportunidades seria bem reduzido”, disse José Antônio.

O professor da Universidade de Pernambuco, Carmelo Bastos Filho, relembra que os primeiros esforços em criar um conceito de política pública em residência tecnológica no Estado datam de 2011 e define a residência tecnológica como uma “ação prática de inovação”. Foi a partir daí que surgiu o Programa Estadual de Residência Tecnológica (Resitec).

A iniciativa tem como meta qualificação de recursos humanos de forma acelerada em nível de pós-graduação lato sensu associada ao desenvolvimento de produtos ou processos que aumentem a competitiv-

dade das empresas com tecnologia habilitadoras 4.0 nas seguintes áreas de aplicação:

Agronegócio e Laticínios

Biotecnologia e Saúde Digital

Comércio, Serviços e Turismo

Confecções e Moda

Construção Civil e Infraestrutura Urbana

Eletroeletrônicos e Metal Mecânica

Energia Renovável e Sustentabilidade

Gesso e Novos Materiais

Governo Digital e Inclusão Social

Indústria de Transformação

Metal Mecânica e Eletrônicos

Tecnologia de Informação e Comunicação

Várias empresas e instituições públicas qualificaram equipes por meio do Resitec, a exemplo do Tribunal de Justiça de Pernambuco, Compesa, Accenture, TIM e a Stellantis. O modelo iniciado em Pernambuco virou política pública nacional do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

“É uma maneira de trazer novos conteúdos para as pessoas que estão nas empresas, fomentar novas culturas, melhorando os processos das empresas, tornando-as mais competitivas, ajudando a gerar mais empregos”, pontua Carmelo. cisa.

Não demorou até o grupo do qual André fazia parte desenvolver uma tecnologia que dava uma localização com uma variação de menos de três metros de distância. Em 2014, eles venceram uma premiação da Microsoft de melhor tecnologia de geolocalização do mundo. Do reconhecimento técnico-científico ao para o primeiro negócio foi um salto. André Ferraz é um dos fundadores da In Loco.

